

LAÇOS AMOROSOS, CORPOS MUTILADOS: O VÉU PERVERSO DO DESAMPARO

Silvio Tony Santos de Oliveira (UFPB)¹
Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)

A Literatura é um espaço criativo, potencial, de fantasias e ilusões, que busca, na realidade, a matéria prima para compor as experiências humanas que emanam de seus flancos. No século XIX, o fazer literário incorporou as grandes discussões sobre a sexualidade humana, que pairavam sobre a escrivaninha de psiquiatras e sexólogos. O presente trabalho, alicerçado na teoria psicanalítica de base freudiana, tenciona investigar os matizes melancólicos que recobrem o laço sadomasoquista no conto realista *A causa secreta* (1885), de Machado de Assis. Para tanto, debruçaremos sobre o triângulo amoroso, forjado pelos personagens Fortunato, Ana Luísa e Garcia, que constrói a narrativa.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; sadomasoquismo

Introdução:

*Os suicídios são homicídios tímidos; masoquismo em vez de sadismo.
Cesare Pavese²*

A história e, conseqüentemente, a compreensão sobre a sexualidade humana pode ser tranquilamente cindida em dois períodos: um anterior e outro posterior às contribuições teóricas freudianas. Se inicialmente a sexualidade se apresentava como restrita a padrões heteronormativos para fins de perpetuação da espécie, a partir do pai da psicanálise temos uma sexualidade imbricada com o gozo³ e que se manifesta através de sua característica plástica, algo que nos permite afirmar que a sexualidade apresenta nuances plásticas.


Um exemplo que demarca a interseção freudiana no campo da sexualidade é a visão científica acerca do sadomasoquismo. Anteriormente a Freud, aliás, existia para alguns nomes da ciência do século XIX uma cisão entre os termos sadismo e masoquismo. O psicopatologista Albert Von Schrenck-Notzing (1862- 1929) introduziu o termo *algolagnia* para abarcar as práticas ou os indivíduos que conseguiam o prazer através da dor. Já nessa definição podemos observar uma separação entre sadismo e masoquismo. Um dos defensores desse posicionamento teórico foi Richard Von Krafft-Ebing.⁴ (1840-

¹ Graduado em Letras (UFPB) e Mestrando em literatura (UFPB). Contato: Silviophoenix@hotmail.com

² (1908-1950) – Escritor e poeta italiano defensor ferrenho das ideias antifascistas.

³ O termo gozo é desenvolvido na teoria lacaniana e diz dos sentimentos de prazer e sofrimento que, ao mesmo tempo, estabelecemos com o mundo a nossa volta.

⁴ Psiquiatra alemão que desenvolveu estudos acerca das manifestações sádicas/masoquistas.



1902). Para este, sadismo e masoquismo eram termos que se opunham quanto às suas manifestações nos sujeitos envolvidos e suas práticas.


Nessa perspectiva, enquanto o sádico é caracterizado pelo indivíduo que se satisfaz impondo a dor ou subalternizando o parceiro, o masoquista seria o inverso, ou seja, aquele que se satisfaz ao receber castigos impostos pelo outro. Ainda ressaltamos que tais práticas, na perspectiva de Krafft-Ebing, são concebidas como *pathos*, relegando-as a marginalidade.

A partir de Freud, temos um deslocamento teórico considerável. Sadismo e masoquismo se imbricam, assim como os conceitos de atividade/ passividade. Outra contribuição fundamental de Freud é conceber, após reformulações teóricas, esses funcionamentos como presentes no desenvolvimento psicosssexual de todos os seres humanos através do conceito de pulsões parciais. Logicamente, se tais práticas eram consideradas, na época como perversas, o psicanalista vienense coloca todos os seres como constituídos pelos desejos perversos. É salutar mencionar que essas práticas estão presentes em todos os períodos da história e em diversos contextos culturais da sociedade.

Esta pesquisa tem por objetivo desenvolver reflexões acerca das configurações melancólicas e sadomasoquistas estabelecidas entre os personagens do conto *A causa secreta*, de Machado de Assis. A narrativa envolve os personagens: Ana Luísa, Fortunato (casados) e Garcia. Os três mantêm imbricações psíquicas que transitam entre a dor e o prazer, proporcionando assim um gozo corrosivo entre os mesmos. Constatamos que as manifestações sadomasoquistas se estabelecem entre os limites do físico e da *psique* e se constroem tensões conflituosas com padrões morais e subjetivos. Na próxima seção, tratamos de discorrer sobre as formulações teóricas psicanalíticas que se debruçam sobre o fenômeno do sadomasoquismo.

Entre a dor e o prazer: o gozo sadomasoquista à luz da psicanálise.

O sadomasoquismo se enquadra no âmbito das parafilias, ou seja, práticas eróticas que transgredem a relação genital. Falar dessas práticas é, inevitavelmente, recorrer às ideias freudianas postuladas nos *Três ensaios* sobre a teoria da sexualidade. Nesse texto, de acordo com Freud, a pulsão libidinal não se direciona ou obtém um objeto específico ou, dito de outra forma, a pulsão libidinal não é determinada pelo objeto. Esse aspecto, ao nosso ver, é fundamental para uma concepção plástica da sexualidade, que Freud postulava, em desacordo com a visão de sua época vale salientar, e que,



consequentemente, abre espaço para a aceitação da existência de múltiplas vivências da sexualidade. Ainda nesse texto, Freud (1905) afirma que todos os seres são constituídos a partir de pulsões parciais como o sadismo. Inicialmente, o psicanalista vienense concebe o masoquismo como um retorno da pulsão libidinal sádica sobre o próprio ser. Tal processo se daria na fase pré-genital, mais precisamente, fase anal. Assim, vejamos como o processo é descrito:


As crianças que tiram proveito da estimulabilidade erógena da zona anal denunciam-se por reterem as fezes até que sua acumulação provoca violentas contrações musculares e, na passagem pelo ânus, pode exercer uma estimulação intensa na mucosa. Com isso, hão de produzir-se sensações de volúpia ao lado das sensações dolorosas. (FREUD, 1905 p. 114).

Nessa perspectiva teórica, Freud concebia o sadismo como sendo uma pulsão parcial primeira, enquanto o masoquismo seria uma pulsão secundária. O referido autor deixa claro, inclusive durante suas reformulações teóricas sobre o sadismo/masoquismo, que tais mudanças não podem ser confundidas com as perversões sadomasoquistas.

Tal posicionamento é ratificado no texto *Metapsicologia* (1920). Pode-se notar, aqui, a indicação deste movimento de reversão intrínseco à pulsão, pois, para Freud, por definição a pulsão sado-masoquista é auto-erótica como toda pulsão parcial. (VALLAS, 1990, p.64).

Contudo, em nosso entendimento, a fase anal do desenvolvimento psicosssexual nos evidencia a essência humana da obtenção do prazer pela imposição ou submissão a dor. Desde a mais tenra idade, o sujeito logra gozo através dos estímulos que impõem ao próprio corpo. As pulsões sádicas de dominação, submissão, dirigidas ao objeto (o eu – próprio corpo) são recebidas e, sob os efeitos dessas pulsões, revertem tais sensações em gozo masoquista.

Em *O problema econômico do masoquismo* (1924), temos uma reformulação teórica. O masoquismo é concebido como uma pulsão parcial, entretanto, única e exclusivamente por meio da mediação do recalque. O mecanismo psíquico do recalque associado, intensificado, pelo sentimento de culpa se configura como a etiologia das perversões sadomasoquistas. Se nos *Três ensaios*, Sigmund Freud coloca a origem das perversões na regressão e fixação em um dos estágios pré-genitais, as perversões sadomasoquistas estariam, também, nessa circunscrição, porém envolvidas sob o véu da culpa.




Essas relações de sentimentos dirigidas às figuras parentais são discutidas em alguns textos da bibliografia freudiana. Estes discorrem sobre as relações entre as perversões sadomasoquistas e os fantasmas edípicos: em *Bate-se numa criança* (1929), o percurso teórico freudiano se atém a investigar os fantasmas masoquistas presentes na relação estabelecida entre seus pacientes e seus respectivos cuidadores.

Entre as três construções da alegoria fantasmática possível: “*o pai bate numa criança que eu detesto*”, “*eu sou espancada pelo pai*” e “*bate-se numa criança*” as duas últimas são as mais significativas para a discussão sobre o masoquismo. Na primeira construção, temos uma criança que, ao ser espancada pela figura paterna, sente um prazer e a obtenção de um gozo inestimável. O desejo de se colocar passivamente como objeto de desejo desse pai desenvolve um sentimento de culpa que devasta o sujeito. Ao ser espancada, essa criança atinge seu gozo, ser punida por sua culpa e uma satisfação sexual por estar passivamente como objeto do outro.

Na segunda construção, temos a tomada de consciência desse fantasma. É a cena primitiva trazida à tona através da análise. A consciência obtida do espancamento paterno imbricada com o sentimento de culpa oferece ao sujeito uma satisfação sexual com base em uma posição passiva, ou seja, um gozo masoquista. Essas formulações foram desenvolvidas na perspectiva feminina. De fato, Nasio (2015), ao se reportar sobre o Édipo da menina, anuncia-nos uma fase ou posição passiva. “Em outros termos, quer se tornar a favorita do pai. (...) a inveja ciumenta de deter o falo do pai dá lugar agora ao desejo incestuoso de ser possuída por ele, ser o falo do pai.” (NASIO, 2015, p. 55)

Quanto aos homens, com uma perspicácia muito particular, Freud postula que antes da cena “sou espancada pela mãe” existiria nos escombros do inconsciente a cena de espancamento feito pela figura paterna. O menino se coloca de forma passiva e deseja ter relações objetais com a figura cuidadora do mesmo sexo. É dessa posição feminina que se originaria o masoquismo masculino. “Com efeito, um menino pode desempenhar o papel passivo, eminentemente feminino, de ser a coisa do pai e fazê-lo gozar”. (NASIO, 2015, p. 31). As imbricações entre o sadismo e o masoquismo são indissociáveis. As posições de atividade e passividade se imbricam. O sádico, ao impor seus castigos ao parceiro (atividade), identifica-se com a posição de submissão do outro. Seu gozo também vem dessa identificação.



Por outro lado, o masoquista não obtém seu gozo apenas pelos maus tratos impostos ou pela dor que sente em seu corpo (passividade), mas por essas ações serem impostas pela pessoa eleita por seu amor e a posição de atividade que esta ocupa. Logo, Welldon (2005) define a perversão sadomasoquista como sendo um arranjo inconsciente do sujeito para dar conta dos conflitos e cicatrizes decorrentes de sua travessia pelo complexo de Édipo

Entre paixões e desejos: as nuances sob o véu sadomasoquista

Dói pensar no infinito. Dói pensar na eternidade. Masoquismo cognitivo, obsessão incurável, que o tempo não alivia e só na morte se acaba.

Valter da Rosa Borges⁵


Nossa análise se detém sobre os personagens Fortunato, Maria Luisa e Garcia, tendo como pedra angular as características fusionais entre os sujeitos desejantes na busca de um gozo inefável que os tornam entrelaçados. Aliás, essas relações ficam evidentes nas primeiras linhas da narrativa, pois “como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem reboço.” (CAUSA SECRETA, 1885, p. 1).

Em passagem inicial da narrativa, o Sr. Fortunato Gomes da Silveira, enigmático desde as primeiras linhas, mostra-se encantado por uma cena de peça teatral composta por requintes de violência e crueldade. Vejamos como é descrita a atenção dispensada pelo personagem à cena mencionada:

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouvia-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro (...) No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu (...) (A CAUSA SECRETA, 1885, p. 1).

O narrador, ao que parece, deixa-nos de forma sutil, a descrição de uma satisfação peculiar do personagem em relação aos momentos teatrais que encenam a dor imposta ao corpo do outro. Interessante mencionar que tal avidez por esses instantes dolorosos não é notada por ninguém da plateia, apenas por Garcia, “a tal ponto que o estudante suspeitou

⁵ Valter da Rosa Borges (1934) é livre pensador, filósofo, poeta, escritor, parapsicólogo e professor brasileiro.




haver na peça reminiscências pessoais do vizinho.” (A CAUSA SECRETA, 1885, p. 1). Desta forma, é através de Garcia que o leitor tem acesso aos aspectos oniscientes dos outros dois personagens.

Em outra passagem, temos o relato da saída do teatro: “Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. (A CAUSA SECRETA 1885, p. 1).

Com as passagens descritas, podemos facilmente identificar uma busca incessante por uma satisfação de uma pulsão sádica. Freud (1905) afirma que a pulsão sádica não se restringe a atos considerados, no senso comum, como violentos e conseqüentemente perversos. Nas relações sexuais tidas como normais, as preliminares também são constituídas a partir do sadismo, como dominar o objeto (parceiro), sendo característico de uma posição ativa. Sobre essa relação entre o sadismo e a sexualidade humana, Freud afirma:

No tocante à algolagnia ativa, o sadismo, suas raízes são fáceis de apontar nas pessoas normais. A sexualidade da maioria dos varões exhibe uma mescla de agressão, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica talvez resida na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de outra maneira que não mediante o ato de cortejar. Assim, o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante. (FREUD, 1905, p. 97).

Outro fator a ser destacado é sobre a natureza humana constituída a partir dos enlaces entre sexualidade e agressividade. Em *Além do princípio do prazer* (1920), o pai da psicanálise discorre acerca das pulsões de vida e morte que constituem a natureza humana. Segundo o referido autor, todos nós somos constituídos a partir dos desejos eróticos e de destruição e que, por meio da catexia, dirigimos aos objetos presentes no mundo. Tais forças se encontram, desde os primórdios da infância, em constante conflito, ora uma subjugando ou prevalecendo sob a outra. Nessas passagens que simulam o desejo sádico de Fortunato, temos metáforas que encenam o acorrentamento de *Eros* por *Thanatos*. A causa secreta de todos nós é nossa tendência destrutiva e dominadora. Ao contrário de um discurso humanista, por vezes, defendido no senso comum e nas práticas culturais como a religião, o sujeito é resultado dos conflitos existências entre sentimentos



opostos, mas que, ao mesmo tempo, mantêm-se fusionados: amor/ódio; prazer/angústia; satisfação/frustração; vida/morte.


Estabelecida tais definições, voga refletirmos acerca das nuances do sadismo imposto por Fortunato aos personagens Maria Luísa e Garcia. Este último é dotado de singular capacidade de observar a alma humana: “Este moço possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo”. (A CAUSA SECRETA, 1885, p.4). A causa secreta inerente a todos os personagens é colocada aos olhos do leitor por meio da percepção de Garcia.

A expressão pulsional de *Thanatos* que impulsiona o desejo sádico de Fortunato é conhecida por Maria Luisa. As práticas de satisfação sádica provocam na esposa de Fortunato uma subjugação. Ela aceita resignada, contrariada, porém passiva, as ações do marido. Essa opressão moral pode ser constatada na visita para um almoço de domingo feita ao casal pelo jovem jovem médico: “Garcia, à segunda vez que lá foi, percebeu que entre eles havia alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor.”(A CAUSA SECRETA, 1885, p. 4).

Na ocasião, Garcia relata a Maria Luísa acerca dos préstimos de socorro que o marido realizou a um ferido a punhal dias antes. Ao saber, a mulher fica radiante como se a esperança de recuperar um objeto a tempos perdido – a bondade e generosidade humana do marido- saltasse-lhe os olhos. Contudo, diante do desdém de Fortunato e frieza frente à boa ação narrada, Maria Luísa se resignou em seu silêncio e frustração mórbidos. A situação para ela se agravou em virtude da abertura da casa de saúde, feita em sociedade entre o marido e Garcia:

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a idéia tinha-se metido na cabeça ao outro, e não foi possível recuar mais. Na verdade, era uma boa estréia para ele, e podia vir a ser um bom negócio para ambos. Aceitou finalmente, daí a dias, e foi uma desilusão para Maria Luísa. Criatura nervosa e frágil, padecia só com a idéia de que o marido tivesse de viver em contato com enfermidades humanas, mas não ousou opor-se-lhe, e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa. (A CAUSA SECRETA, 1885, p. 5).

As relações entre Fortunato e a esposa são claras: ela tem conhecimento dos desejos obscuros do marido, ao mesmo tempo que vive dividida entre a esperança de recuperar sentimentos mais brandos na imagem do marido e a angústia que sente diante das práticas




sádicas realizadas por ele. Aqui, cabe duas afirmações: o sadismo imposto por Fortunato à Maria Luísa não se configura de forma ativa-física, mas de forma ativa- mental e moral. Outra afirmação se refere à posição subalternizada da esposa em relação ao parceiro. Ela se coloca inferiorizada, não ousa questionar as práticas “grotescas”, e ao mesmo tempo alimenta a oportunidade de recuperar o objeto amado perdido.

Diante desse conflito ela sofre mas se reconhece com Ser a partir dessa posição passiva. Seu gozo é algo que resulta uma devastação psíquica e moral, mas que a faz se reconhecer como mulher e esposa. Isso fica marcante em seu discurso após uma das ações do marido utilizando animais e aquele acusá-la de ser fraca: “Maria Luísa defende-se a medo, disse que era nervosa e mulher (...)”. (A CAUSA SECRETA, 1885, p. 7) Isso também muito por conta da posição feminina ocupada no contexto do século XIX Rocha (2009) afirma que, nesse período, havia uma preocupação com o caráter educacional da mulher e aperfeiçoamento de suas habilidades domésticas, bem como, cuidadora das necessidades dos componentes familiares como marido e filhos. Tal perspectiva tinha alicerce na ideia de que a mulher era inferior intelectualmente ao homem.

Já pelo viés psicanalítico, em *bate-se numa criança* (1919), Freud discorre sobre a cena arcaica de satisfação da criança através do espancamento que sofre pela figura paterna. Esse gozo se consolida como masoquista, pois, ao mesmo tempo que possui sua carga erótica – *Eros*, também se mostra como uma punição - *Thanatos*, ou seja é uma fantasia encoberta pelo véu da culpa de desejar ou gozar desse objeto incestuoso. Em *Ego e Id* (1923), Freud discorre sobre o masoquismo moral. Este se configura a partir de um conflito entre o sadismo do superego e o masoquismo do ego. Vallas (1990) relata que essa relação conflitante entre essas estruturas psíquicas se estabelece através do sentimento de culpa desenvolvido pelo sujeito. A culpa de ter maculado o objeto desejado ou de não ser capaz de conservá-lo. Em *luto e melancolia*, Freud discorre acerca do sentimento melancólico e suas características:

O objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor (...) Ainda em outros casos nos sentimos justificados em sustentar a crença de que uma perda dessa espécie ocorreu; não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido, sendo de todo razoável supor que também o paciente não pode conscientemente receber o que perdeu. Isso, realmente, talvez ocorra dessa forma, mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe quem ele




perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém. Isso sugeriria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda. (FREUD, 1916, p..179).

A perda é a razão do conflito entre as instâncias psíquicas do ego e superego. A culpa diante da perda ou destruição do objeto amado recai sobre o eu, assim como no masoquismo moral. O masoquismo do ego leva o sujeito a obtenção de um gozo inconsciente e mortífero tanto mental como fisicamente, pois, tentando destruir o objeto amado, o sujeito se autodestrói em ambos sentidos. No caso de Maria Luísa, temos, como de acordo com os textos psicanalíticos apresentados, um sentimento de culpa que acarreta em um sofrimento duplo imposto pelo sadismo de Fortunato e a suposta perda da imago idealizada do marido. Não caracterizamos as ações da personagem como melancolia, mas como um gozo masoquista nutrido pelo viés do discurso melancólico. É válido mencionar que esse sofrimento psíquico é identificado por Garcia durante a narrativa, ou seja, mais um causa secreta desvendada.

Garcia, por sua vez, transforma-se em um visitante constante e íntimo do casal. A comunhão dos interesses encurtou os laços de intimidade. “Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente.” (A CAUSA SECRETA, 1885, p.5). Diante dos acontecimentos, o amor adentrou sorrateiramente em seu peito. O prazer da conquista velada pelos valores morais anti- adultério colocavam o referido personagem em uma situação angustiante e desamparada diante de seus desejos. Contudo, se diante dos impedimentos morais não poderia possuir o objeto de desejo, o personagem goza dessa posição de eterna conquista. Goza de um amor que, ao mesmo tempo, é sinônimo de prazer e sofrimento. Goza em poder observar o corpo que deseja, mas angustia-se por não poder possuí-lo.

Ao final da narrativa, o estado de saúde de Maria Luísa se agrava: provavelmente vítima de tuberculose. Concomitante aos cuidados que prestava à esposa em leito de morte, aliás vivenciados com interesse sádico, Fortunato começa a estudar Anatomia dissecando e envenenando gatos e cachorros. Os gritos dos animais atordoavam a esposa algo que somente cessou após pedidos de Garcia. A cena a seguir relata o ápice da narrativa, na qual Fortunato é flagrado pela esposa e Garcia, no escritório, mutilando um rato. Vejamos o ocorrido:




Garcia lembrou-se que na véspera ouvira ao Fortunado queixar-se de um rato, que lhe levava um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado. (A CAUSA SECRETA, 1885, pag. 6).

Apesar dos clamores do médico para findar tais atos, Fortunato diante dos olhos dos outros dois se satisfazia calmamente de cada instante de dor e de cada parte do corpo mutilada do miserável animal. Agora mais que nunca a causa secreta de Fortunato era conhecida por todos. A ação no animal de certa forma ocasionou um sofrimento psíquico na esposa e em Garcia. O sadismo de um encontrou seu complemento no masoquismo dos outros dois através do sofrimento do animal.

Antes de analisarmos mais precisamente a Garcia, vale destacarmos que as ações de Fortunato, de maneira alguma, podem ser consideradas perversões. Uma vez que este busca caminhos tortuosos, parcialmente aceitos pela sociedade, para satisfazer suas pulsões sádicas. Ao passo que o perverso, como afirma Freud nos *Três ensaios sobre a sexualidade*, utiliza-se do desmentido da castração para atingir diretamente seu objeto de desejo. Ou seja a castração não é reconhecida. Ao que nos parece, Fortunato se utiliza de um dos mecanismos de defesa do ego intitulado sublimação. Sobre esse mecanismo e seu funcionamento nos ensina o psicanalista vienense:

Ele (o instinto sexual) coloca à disposição da atividade civilizada uma quantidade extraordinária de energia, e o faz em razão da sua característica especialmente marcante de ser capaz de desviar o seu objetivo sem diminuir de intensidade materialmente. Essa capacidade de trocar o seu objetivo sexual inicial por outro, que não mais é sexual mas relacionado psiquicamente com o primeiro objeto, chama-se sublimação. (FREUD, 1908, p. 187)

Fortunato reconhece, de forma inconsciente, suas vicissitudes quanto ao seu desejo e como a sociedade o concebe, por isso se utiliza de peças de teatro, cuidados de doentes, mutilação de animais para realizar a descarga de suas energias agressivas. Ele dirige a energia que teria o fim de retalhar, destruir, devastar corpos humanos para outros objetos “aceitos” socialmente. Bem, até aqui dois personagens tiveram suas “causas secretas”



desvendadas e expostas aos outros. Falta apenas Garcia ter a seu segredo às escancaras. E isso ocorre após a morte de Maria Luísa. A cena que se segue faz menção ao velório do corpo da jovem mulher feito pelos dois cavalheiros. Após alguns minutos de breve descanso, Fortunato chega a porta e observa perplexo mas prazerosamente o sofrimento de Garcia diante da perda de Maria Luísa. Observemos a descrição:

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento. Olhou assombrado, mordendo os beiços. Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa. (A CAUSA SECRETA, 1885, p. 8)

Diante do “espetáculo”, a última “causa secreta” é desvendada: o amor recalçado de Garcia por Maria Luísa fica à mostra. Garcia não se mostra contrariado nem pela morte da esposa, nem pelo fato de ter descoberto o sentimento amoroso nutrido em sigilo do outro por sua esposa. Apesar de conjurações e insinuações da concretização de um possível adultério, o que traz gozo a Fortunato é a dor emocional de Garcia. É o luto que este estabelece diante da morte e da impossibilidade, agora física e não social, de concretização desse amor. As lágrimas de Garcia e o beijo no corpo inerte de Maria Luísa renderam a Fortunato um gozo sádico que como o próprio narrador nos diz: ele deliciouse de forma longa... bem longa...

Considerações finais:

Em especial, no *corpus*, temos três personagens neuróticos que buscam caminhos obscuros e soluções para os conflitos relacionados aos seus desejos inconscientes. Em constante tensão com a cultura, eles se revezam em posição de atividade e passividade que culmina em fusionamentos sadomasoquistas, que assumem a função de um véu que encobre suas angústias, desamparos, prazeres e, conseqüentemente, gozos

A causa secreta de todos os personagens – ou seja – seus desejos primitivos e suas angústias guardados no íntimo de suas subjetividades são colocados às escancaras a partir

das dependências que se entrelaçam na busca de gozos que resultam no reconhecimento de todos como seres desejanter. Assim, não é por acaso que o narrador afirma que todos estão mortos e enterrados, uma vez que, se não sucumbiram diante da morte física – como Maria Luísa – padeceram de morte moral como Fortunato e Garcia.

Referências

ASSIS, Machado. *A causa secreta* (1885). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000182.pdf>. Acessado em 14/06/2017.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* (1920). In. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. *Bate-se numa criança* (1929). In. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia* (1916). Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. *Metapsicologia* (1920). In. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. *O problema econômico do masoquismo* (1924). In. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905). In. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. III. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1974.

NASIO, J-D. *Édipo, o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2005

ROCHA, Patrícia. *Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado*. Belo Horizonte, Ed. Leitura, 2009.

VALLAS, Patrick. *Freud e a Perversão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1990

WELLDON, Estela V. *Sadomasoquismo*. Tradução Pedro Dantas In: *Conceitos de psicanálise*. Vol. III. Rio de Janeiro, Ed. Segmento Duetto, 2005.